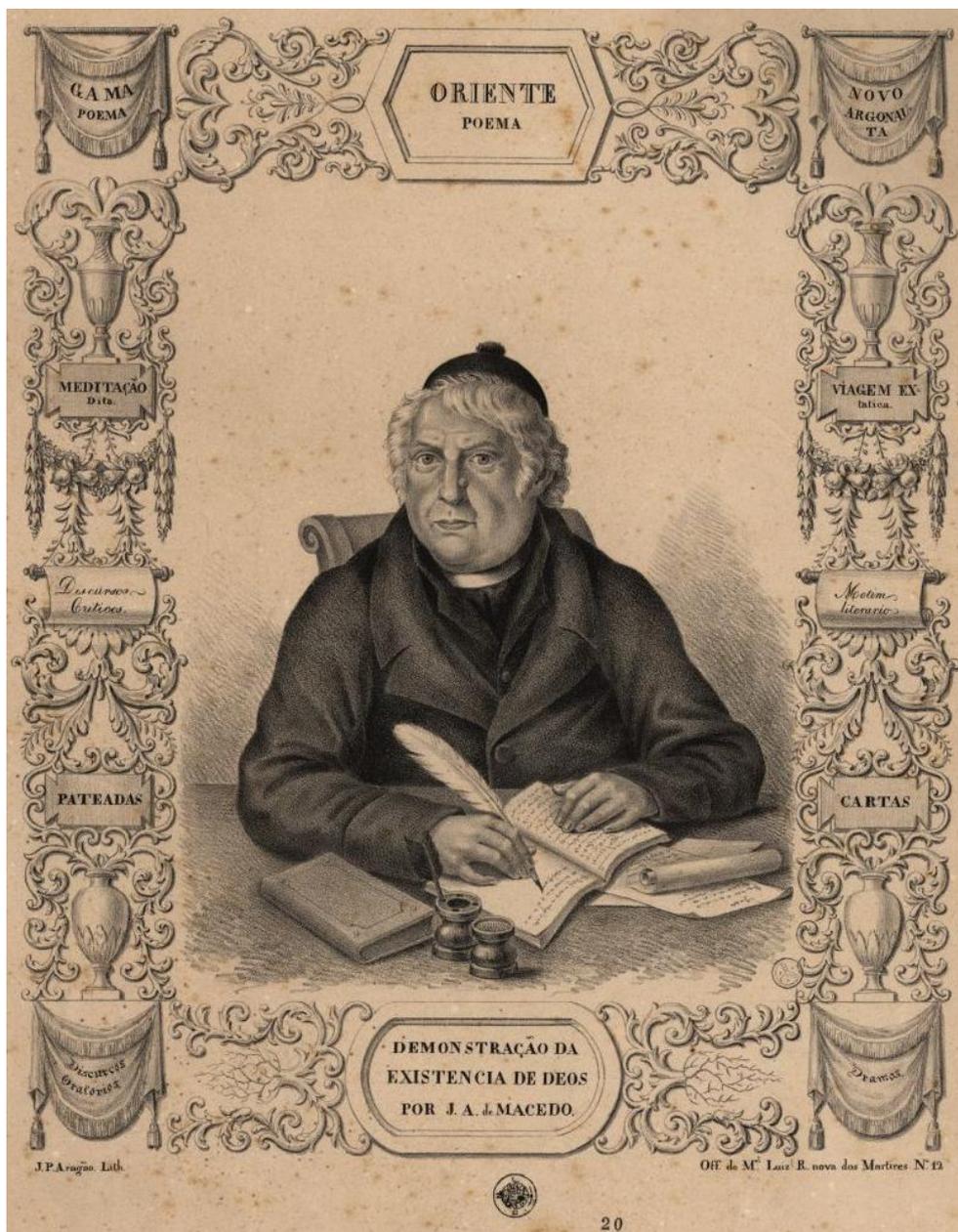


# O NOVO ARGONAUTA



POEMA

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

Olhão / 2009

## *O Novo Argonauta*

**Edição electrónica** de Junho de 2009, da APOS – Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão.

**1ª Edição:** Macedo, António Agostinho - *O Novo Argonauta* - Offic. de António Rodrigues Galhardo, Impressor do Conselho de Guerra, 1809

**Capa:** José Agostinho de Macedo rodeado de alguns títulos de obras suas, segundo gravura de Joaquim Pedro de Aragão (ca. 1831-1850).

Fonte: Biblioteca Nacional Digital

**Adaptação, anotação e introdução:** Edgar Cavaco

## INTRODUÇÃO

Talvez pelo fascínio que pode despertar, o relato de viagens sempre foi um tema abundante na literatura. Na mitologia grega já existiam várias histórias sobre o assunto, sendo uma destas a célebre viagem dos argonautas, cujo nome derivava do facto de terem sido os tripulantes da nau Argo<sup>1</sup>. O objectivo da viagem desta tripulação de heróis era alcançarem um tosão de ouro do carneiro alado Crisólamo, que se encontrava na longínqua Cólquida, para assim o chefe da expedição, Jasão, ver restituído o legítimo trono que o seu tio paterno lhe tinha usurpado (o que realmente se veio a concretizar).

Foi neste episódio que o padre José Agostinho de Macedo (1761-1831) se inspirou para dar o título ao seu poema *O Novo Argonauta*. À semelhança da lendária e praticamente impossível viagem dos argonautas, uma tripulação de dezassete olhanenses tinha conseguido cumprir o objectivo de levar as notícias de que o Reino do Algarve já estava restituído ao seu legítimo monarca, o príncipe regente D. João, exilado no Brasil. E isto, ao contrário dos argonautas, não num mar fechado como o Mediterrâneo ou o Mar Negro, mas sim “atravessando o Oceano na sua maior extensão, num pequeno caíque”, para usar as palavras do autor, o mesmo que não tem dúvidas em afirmar que esta “é uma das acções que farão época na História Naval”. Lamentando-se de não ter participado nesta viagem, José Agostinho de Macedo consolou-se “com o prazer ou com o dever patriótico de publicar esta acção que aumenta o catálogo dos rasgos maravilhosos da fidelidade portuguesa”, compondo assim este poema épico, ao qual Diamantino Piloto chamará de *Os Lusíadas de Olhão*<sup>2</sup>.

A imagem é curiosa, visto que se Camões queria retratar, em termos épicos, a viagem de Vasco da Gama à Índia, n’*O Novo Argonauta* canta-se a viagem não menos importante do piloto Manuel de Oliveira Nobre ao Brasil. Contudo, desde logo podemos apontar uma diferença substancial: como Oliveira Martins afirmou, “*Os Lusíadas* cantam um passado, e são um epitáfio”<sup>3</sup>, uma vez que a sua primeira edição surgia setenta e quatro anos depois da viagem de Vasco da Gama, enquanto que José Agostinho de Macedo publicava *O Novo Argonauta* pouco depois das notícias da viagem dos olhanenses ao Brasil terem chegado a Lisboa, em Maio de 1809, talvez através de alguns dos membros da própria tripulação do caíque *Bom Sucesso*. De facto, o autor adianta-nos, em notas à obra, que a estava compondo no dia 25 de Junho desse mesmo ano, e também que Manuel Oliveira de Nobre falara consigo pessoalmente. A darmos credibilidade a José Agostinho de Macedo, *O Novo Argonauta* poderia apresentar, mais ou menos fidedignamente, um roteiro da viagem do caíque *Bom Sucesso*, relatado em termos poéticos. Na verdade, e pelo menos a este

---

<sup>1</sup> Argos foi o construtor da embarcação, e também era o nome da cidade onde foi reunida a tripulação, antes do embarque. Dever-se-á referir que o adjectivo *argos*, em grego antigo, tem os múltiplos significados de *brilhante, resplandecente, branco, lúcido, ligeiro, ágil, expedito e rápido*.

<sup>2</sup> Diamantino PILOTO, *O Meu Olhão (Crónicas) e Contos de Olhão*, 2ª edição aumentada, Faro, Algarve em Foco Editora, 1997, p. 16.

<sup>3</sup> Oliveira MARTINS, *História de Portugal*, 17.ª ed., Lisboa, Guimarães Editores, 1977, p. 374.

respeito, a história agradecerá a José Agostinho de Macedo, pois é importante ressaltar que os autores que se debruçarão sobre esta viagem, carecendo de outras fontes, vão ser fortemente influenciados pel' *O Novo Argonauta*, directa ou indirectamente, transmutando para a prosa certos pormenores que o autor fixou em verso livre. Parece que já o previa José Agostinho de Macedo, que referia no prefácio da primeira edição desta obra que queria assim salvar a acção cantada e os seus agentes "do esquecimento em que outros muitos têm ficado sepultados, ou por incúria dos escritores, ou pela natural magnanimidade dos portugueses, que, pagos da consciência das grandes acções, morrem com elas sem curar da posterioridade, de que se fazem senhores quando as praticam".

Não descontextualizemos, porém, a obra, e lembremo-nos que ela foi publicada primeiramente em 1809, depois das sequelas da primeira invasão francesa<sup>4</sup>. O prefácio desse ano é feroz nas críticas dirigidas aos franceses, ao ponto de o autor, em notas a esse mesmo prefácio (que se percebem ser posteriores, ou seja, da segunda edição), se desculpar do que anteriormente dissera. Para se compreender estas notas e o prefácio da segunda edição, publicada em 1825, pensamos ser necessário resumir alguns factos importantes na biografia de José Agostinho de Macedo:

Tendo nascido em Beja, foi para Lisboa com 17 anos, a fim de ingressar na Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho. Logo aí se destacou, sobretudo pelo seu comportamento desviante, facto que o levou a ser condenado à *expulsão perpétua* da dita ordem, em 1792. Por recursos que interpôs, conseguiu com que a sentença fosse anulada, obtendo a licença para se tornar religioso secular. Rapidamente os seus sermões alcançaram vasta fama e reputação, vindo a tornar-se pregador régio em 1802, ofício este que preservaria até morrer. Mas para além da carreira eclesiástica, o padre tinha sido, entretanto, membro da Nova Arcádia. Começara então a publicar os primeiros versos, tomando o nome de Elmiro Tagideu, enfrentando-se em polémicas com poetas como Elmano Sadino (pseudónimo de Bocage). Contudo, a sua produção literária publicada era até então relativamente escassa. Talvez aproveitando o facto de se tornar pregador régio, publicaria precisamente em 1802 uma *História de Portugal*, começando também a traduzir alguns poetas latinos, como Horácio, do qual publica em 1806 o primeiro tomo da sua obra.

Em 1809, finalmente, saía à estampa *O Novo Argonauta*, e a comparação que Diamantino Piloto assinalou talvez não tenha passado despercebida na época. Curioso é que José Agostinho de Macedo, filho de um ourives endinheirado que lhe tinha permitido aprender a ler e a escrever, desde novo não suportava Luís de Camões. Um biógrafo seu registrou a frase simples, mas incisiva, que o jovem José Agostinho de Macedo teria dito ao seu mestre em letras: *Camões não presta*. Ao que o "mestre o repreendeu, e como ele insistisse, o castigou, por

---

<sup>4</sup> 1.ª edição: Offic. de António Rodrigues Galhardo, Impressor do Conselho de Guerra, 1809.

tamanha blasfémia literária”<sup>5</sup>. A bibliografia do padre dirá que o castigo não o demoveu minimamente, dado que por várias vezes tentou suplantar o autor d’*Os Lusíadas*, facto que lhe mereceu as maiores críticas e os maiores inimigos (ao menos em termos literários). Ora, como refere ele no prefácio da segunda edição d’*O Novo Argonauta*, começou com esta precisa obra a perseguição que se viu alvo, e que aumentaria com a edição dum outro poema épico, publicado em 1811, intitulado *Gama* (refundido mais tarde sob o título de *Oriente*, em 1814). O motivo era evidente, uma vez que José Agostinho de Macedo, sobretudo nestas duas últimas obras, pretendia corrigir e ofuscar Luís de Camões.

De facto, autores como o já referido Bocage, António Maria do Couto, João Bernardo da Rocha, Luís de Sequeira Oliva, e muitos outros, foram mordazes nas críticas a José Agostinho de Macedo. Mas o seu maior rival foi, sem dúvida nenhuma, Nuno Pato Moniz, aquele a quem, sem o nomear, José Agostinho de Macedo chama de *malvado*, numa nota ao prefácio da primeira edição (nota esta que, como já referimos, será posterior ao prefácio propriamente dito)<sup>6</sup>.

Nuno Pato Moniz publicou, em 1815, uma obra comparativa entre o *Oriente* e *Os Lusíadas*, na qual o poema *O Novo Argonauta* não ficou imune às críticas. A propósito de José Agostinho de Macedo imitar o episódio do Velho do Restelo, no segundo canto do seu poema *Oriente*, Pato Moniz referia que “numa nota, a pág. 11 do seu chamado poema *O Novo Argonauta*, disse o Reverendo Épico que a melhor passagem da *Lusíada* é a prosopopeia do Velho: agora a pág. 81 [do poema *Oriente*] diz que o melhor é o Canto 10º: se teimar a escrever (segundo o seu costume de dizer e desdizer) dirá que é outro o melhor; e assim veremos quase todo o poema de Camões louvado por aquele mesmo que o deseja fazer esquecido”<sup>7</sup>.

Em 1817, este mesmo autor voltava à carga, tendo feito publicar um “poema herói-cómico em 9 cantos” intitulado *Agostinheida*, todo ele a gozar com a vida e obra de José Agostinho de Macedo, e do qual se extrai o seguinte

---

<sup>5</sup> Joaquim Lopes Carreira de MELO, *Biografia do Padre José Agostinho de Macedo. Seguida dum catálogo alfabético de todas as suas obras*, Tipografia de Francisco Pereira d’Azevedo, Porto, 1854, p. iv.

<sup>6</sup> Segundo Inocêncio da Silva, a nota que aludimos (na edição de 1825, a primeira nota da página 12, e na presente edição, também a primeira nota, mas na página 10), alude à sátira *Elmiro*, publicada anonimamente em Londres em 1812, obra que, apesar de anónima, se presume ser da autoria de Pato Moniz, sendo assim precursora da *Agostinheida*. O autor do *Dicionário Bibliográfico Português* refere que *Elmiro* “é uma virulenta invectiva contra José Agostinho de Macedo, com uma dedicatória em prosa ao mesmo Reverendo Ex-Frade, vulgo o Mestre-Solilóquio, ou o Camões da Bombarda”. In Inocêncio Francisco da SILVA, *Dicionário Bibliográfico Português – Tomo VI*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1862, p. 307.

<sup>7</sup> Nuno Álvares Pereira Pato MONIZ, *Exame Analítico e Paralelo do Poema Oriente do R.<sup>do</sup> José Agostinho de Macedo com a Lusíada [sic] de Camões*, Lisboa, Tipografia Lacerdina, 1815, pp. 146-147. Ver ainda id., *ibid.*, pp. 238-239. Deve ser referido que a esta obra respondeu José Agostinho de Macedo com a publicação de um semanário, o *Espectador Português [sic]*, que teve a duração de dois anos (1816-1818), ao qual Pato Moniz contra-replicava através de outro jornal, o *Observador Português [sic]*, “até serem ambos os periódicos suprimidos por ordem do governo”. Cf. Inocêncio Francisco da SILVA, *op. ci.*, p. 310).

excerto, inspirado n' *O Novo Argonauta*<sup>8</sup>:

Eis num frágil Caíque, retalhando  
A verde-negra espalda turbulenta  
Do Atlântico Oceano, os p'rigos força,  
E, antes do que ninguém, o ousado Nobre\*  
Ao seu saudoso Príncipe relata  
Do restaurado Reino a grande nova:  
*Elmiro*, por meter bedelho em tudo,  
*Elmiro* quer cantar o exímio arrojo,  
E, em vez de um canto, garganteia um zurro!\*\*

Finalmente, numa biografia sobre José Agostinho de Macedo que deveria ter sido publicada em 1813, “mas a empenhos do criticado lhe foi denegada a licença”, António Maria do Couto escrevia, também sobre *O Novo Argonauta*, que este era um “poema feito em louvor dos leais Algarvios [sic] pela temeridade em se embarcarem num frágil caíque para levarem ao seu Príncipe a feliz notícia da restauração do Algarve. Talvez quis o Autor imitar com este programa o *Argonauta* de Valério Flaco Romano; poesia que este vate por uma prematura morte deixou de acabar, escrita em estilo frio, lânguido, e com violência conhecida de todas as regras épicas. E com efeito, assaz nesta parte o imitou o Autor em verso branco, como os franceses chamam ao verso solto, cheio de notas históricas e instrutivas, que valem mais do que o poemazinho, monstro *in ré poetica*, roubadas, *ipsis verbis*, aos nossos escritores das histórias da Ásia”<sup>9</sup>.

Através destes três exemplos de críticas ao poema *O Novo Argonauta*, talvez se percebam melhor os desabafos que José Agostinho de Macedo deixou no primeiro parágrafo do prefácio à segunda edição desta obra.

Mas não façamos de José Agostinho de Macedo uma figura inocente e atacada indiscriminadamente. De facto, foi um autor *virulento* (como lhe chamou Sampaio Bruno<sup>10</sup>), tendo-se envolvido ao longo de toda a sua vida em

---

<sup>8</sup> In Nuno Álvares Pereira Pato MONIZ, *Agostinheida – Poema Herói-Cómico em 9 Cantos*, Londres, Impresso por W. Flint, 1817, pp. 154-155. Deixamos incluídas as notas de rodapé do autor, diferenciadas com asteriscos.

\* Manuel de Oliveira Nobre, então piloto, e hoje Oficial de Marinha.

\*\* Apontado de insípidos versos, a que J. A. [José Agostinho de Macedo] chamou de poema, e intitulou *O Novo Argonauta*: para se conhecer a insuficiência de tal obrinha, bastará saber-se que tem mau estilo, mau plano, má condução, alguns erros, e nenhum bom episódio; e que até se ignoraria quem fosse o herói, se o não dissessem as notas, que pela maior parte são boas, por serem copiadas de alguns dos nossos bons escritores.

<sup>9</sup> António Maria do COUTO, “Biografia histórica e literária sobre José Agostinho de Macedo, e crítica avaliação de suas muitas e diversas obras”, in José Agostinho de MACEDO, *Motim Literário em forma de Solilóquios (3.ª edição emendada e acrescentada com a biografia do autor, um catálogo das suas obras, e o juízo crítico delas) – Tomo I*, Lisboa, Tipografia de António José da Rocha, 1841, pp. 36-37

<sup>10</sup> SAMPAIO BRUNO, *O Encoberto*, 2.ª edição, Porto, Lello & Irmão, 1983, p. 230.

confrontos e críticas sobre os mais diversos assuntos. Para além de diversas considerações críticas à obra capital de Camões, pregou contra sebastianistas, liberais, franceses, maçónicos, periódicos, críticos seus, política, costumes... A polémica parece ter sido um ponto chave deste autor, cuja produção, aliás bastante fecunda, se saldou na publicação de quase trezentas obras, entre cartas, sermões, comédias, sátiras, tragédias, traduções de poetas clássicos e autores italianos e ingleses, elogios a monarcas, textos filosóficos, um poema dedicado a Newton, diversos jornais, etc.<sup>11</sup>

Duzentos anos depois da primeira edição, voltamos a publicar *O Novo Argonauta*, agora em versão actualizada, com anotações nossas (com asteriscos, para se diferenciarem das notas originais do autor, que vão numeradas) que esperamos serem úteis para a compreensão do poema, demasiado denso e erudito nalgumas partes<sup>12</sup>. Longe de se distinguir pela sua qualidade poética, como já o demonstraram os críticos citados, a importância d'*O Novo Argonauta* reside no facto de ter fixado a gesta da viagem do caíque *Bom Sucesso* ao Brasil, tratando-se de uma justa homenagem ao piloto Manuel de Oliveira Nobre, a quem é dedicado o próprio título da obra. Através de uma espécie de história náutica, diversos navegadores de renome, nacionais e estrangeiros, são lembrados pelo autor, que os desvaloriza em face da ousadia do piloto olhanense<sup>13</sup>. O herói realmente não fala, como criticou Pato Moniz, mas julgue-

---

<sup>11</sup> Para além de alguns textos que se perderam, Inocêncio da Silva catalogou 270 obras publicadas, fora 41 manuscritos que detinha em sua posse. Cf. Inocêncio Francisco da SILVA, *Dicionário Bibliográfico Português – Tomo IV*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1860, pp. 183-215.

Deixamos aqui, por ordem alfabética, alguns títulos da sua autoria, provocativos por si só: *A Besta Esfolada*; *A Tripa virada Periódico Semanal*; *As Pateadas do Teatro investigadas na sua origem e causas*; *Assim o querem assim o tenham*; *Carta do Enxota Caes da Sé ao Tesoureiro da Aldeia, ou amalgamente do Pau do Enxota com o Pau da Cruz*; *Cordão da Peste, ou medidas contra o contágio periodiqueiro*; *Exorcismos contra Periódicos, e outros malefícios*; *Mania das Constituições*; *Motim Literário em forma de Solilóquios*; *O Burro ou o Reino da Sandice*; *O Pau da Cruz, dedicado e descarregado em todos os Senhores da segunda Legislatura pelo Tesoureiro do Padre Cura da Aldeia*; *O Sebastianista desenganado à sua custa*; *O Segredo revelado ou manifestação do sistema dos Pedreiros Livres e Iluminados, e sua influência na fatal Revolução Francesa*; *O vício sem máscara, ou o Filósofo da moda*; *Os Traques da Besta*; *Reforço ao Cordão da Peste*; *Refutação ao monstruoso e revolucionário escrito impresso em Londres intitulado Quem é o legítimo Rei de Portugal?*; *Resposta aos colaboradores do infame papel intitulado Correio Interceptado*; *Resposta aos dois colaboradores do Investigador Português em Londres, que no Caderninho VIII a pág. 510 atacam, segundo o costume, o poema Gama*; *Segunda Gaitada do Anão dos Assobios*; *Sinfonia do Cochicho com Corno Inglês obrigado, ou o Anão dos Assobios ao Padre Medrões teimoso*; *Tudo o que é excessivo passa a ser ridículo, e deve-se evitar nas ciências tanto o excesso como o pedantismo*.

<sup>12</sup> A edição utilizada para a presente actualização foi a segunda, já anteriormente reproduzida na íntegra, na *Monografia de Olhão* de Ataíde Oliveira.

<sup>13</sup> Como curiosidade, devemos notar que José Agostinho de Macedo faz remontar a Olhão a naturalidade de Gil Eanes. Talvez esta versão (que também será repetida por Ataíde Oliveira, na sua obra citada) viesse da associação da audácia dos marítimos olhanenses com a mesma audácia do navegador, hoje vulgarmente aceite como sendo lacobrigense, que passara para além do Cabo Não (posteriormente Cabo Bojador). Ora, para além do título, o termo *argonauta*

se a obra pela acção evocada. Pensamos assim que *O Novo Argonauta* merece, com toda a justiça, o subtítulo de *Os Lusíadas de Olhão*.

*Edgar Cavaco*

*Barcelona, 6 de Junho de 2009*

---

só aparece mais uma vez, precisamente referindo-se a Gil Eanes, facto que pensamos não ser uma mera coincidência.

O N O V O  
A R G O N A U T A ;  
P O E M A

P O R  
J O S E ' A G O S T I N H O D E M A C E D O .

---

*Plus ultra.*

---



L I S B O A

---

NA TYPOGRAFIA DE BULHÕES. ANNO 1825.

---

*Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.*

Vende-se na Loja de Francisco José de Carvalho,  
Livreiro ao Pote das Almas.

## PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Se os sentimentos que agora me animam fossem semelhantes aos que me animaram em 1809, eu procuraria dar ao público, para glória da pátria, mais enriquecido este pequeno poema. Se então sentisse como agora sinto, nem assim mesmo apareceria. Em 1809 ainda não se tinha condensado sobre a minha cabeça a carregada nuvem de perseguições e de afrontas com que me têm galardoado um assíduo estudo das Letras e um invariável e heróico amor da pátria: as acções que eu dela podia celebrar, sempre ficariam manchadas com a bárbara ingratidão com que tenho sido tratado, fazendo-me esta ver que os louvores que tenho dado à nação portuguesa são outros tantos ultrajes de que se têm desferrado com injúrias. Neste pequeno poema eu levantei um padrão à glória nacional; mas ele foi um grito de guerra: neste ponto começou, e ainda até agora não me tem concedido perfeita paz.

Pouca memória tinha já deste meu antigo trabalho, jazia para mim no mesmo desprezo e esquecimento em que permanece tudo, ou quase tudo o que eu tenho composto, filho tudo de uma infatigável imaginação, e sem auxílios. É pequeno o volume deste poema, porém está cheio de tudo quanto nos fez grandes aos olhos de todas as nações da terra; ele será uma prova sucessiva e permanente de que podemos fazer grandes coisas se nos inflamar mais o amor da pátria que o amor de uma filosofia desorganizadora que, perdida em teorias de um belo ideal, que é incompatível com a condição humana, pode alterar, ou talvez haja alterado a nossa natural nobreza ou a nossa antiga virtude.

O mérito de um livro não consiste no número das páginas, e há livros de quem se pode dizer o mesmo que dizia Estácio do herói Tideo, pequeno de corpo,

*Maior in exiguo regnabat Corpore virtus.\**

Mui pequeno volume tem o *Enquirdion* de Epicteto, e encerra em si quanto em si tem toda a moral filosofia; e o pequenino livro de Baltasar Casteghioni, cujo título é *O Cortesão*, contém mais princípios de ilustrada política que todas as constituições dos publicistas do passado século. Revendo agora este esquecido poema, descubro-o tão farto de coisas substanciais, tão ataviado de enfeites poéticos, que me obriga a consentir numa segunda impressão, não para glória minha, mas para benefício alheio; desejando ao mesmo tempo aumentar na posterioridade as provas de que amei a pátria sem interesse (pois que podia esperar de um triste mestre de um pobre caíque do Algarve?), de que não lisonjeei a soberba dos grandes, e de que não tive outro ídolo mais que a virtude, fosse qual fosse a condição em quem a encontrasse.

---

\* Expressão citada da obra *Thebaida*, do poeta latino Publius Papinius Statius (séc. I d.C.). Tem o seguinte significado: *a coragem maior reina no pequeno corpo*.

## PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

A viagem portentosa que o Tenente da Armada Real e Cavaleiro da Ordem de Cristo, Manuel de Oliveira Nobre, se atreveu a fazer, atravessando o Oceano na sua maior extensão num pequeno caíque, é uma das acções que farão época na História Naval. O motivo desta acção é ainda mais glorioso para os portugueses que a mesma acção. Em toda a História de Roma não se pode marcar um facto que prove mais heróico patriotismo, mais honra, mais lealdade e mais virtude. Manuel de Oliveira Nobre é um homem de uma coragem desusada, de uma constância inflexível e de uma intrepidez a toda a prova: só um ânimo semelhante poderia empreender num caíque tão arriscada viagem. Eis aqui um efeito do amor da pátria e da verdadeira adesão ao trono do nosso legítimo Imperante, e um exemplo raro de fidelidade no meio do século da corrupção e do império dos vícios, e bem capaz de envergonhar e confundir muitos ingratos à infatigável liberalidade e boa graça do Príncipe Regente Nosso Senhor, que os encheu de tantos benefícios. Um homem até agora incógnito entre o vulgo, acompanhado de outros intrépidos, por meio de evidentes perigos, expõe-se à morte para levar a Sua Alteza, que Deus nos guarde, a grata nova da Restauração da Monarquia tão felizmente começada no Reino do Algarve. Eu me consolo, na mágoa de o não ter acompanhado porque não o soube, com o prazer ou com o dever patriótico de publicar esta acção que aumenta o catálogo dos rasgos maravilhosos da fidelidade portuguesa, e desta maneira a salvo do esquecimento em que outros muitos têm ficado sepultados, ou por incúria dos escritores, ou pela natural magnanimidade dos portugueses, que, pagos da consciência das grandes acções, morrem com elas sem curar da posterioridade, de que se fazem senhores quando as praticam. Em Portugal nunca faltaram talentos capazes de escreverem ditos e factos memoráveis, como Valério Máximo, e de eternizarem as vidas dos Varões Ilustres, como as eternizaram Plutarco e Cornélio Nepos; mas não sei que indolência os conteve, talvez a invencível inclinação que temos de admirar mais os estrangeiros que os nacionais nos torne insensíveis às grandes proezas que temos obrado. A fatalidade do Século em que existimos parece nos condenar a maior e mais triste silêncio; e uma das maiores desgraças que nos causaram os insignes ladrões e perturbadores do género humano, que intentaram a nossa aniquilação, foi obrigar-nos a falar dele: desejara ver abolida esta mania e sepultada para sempre tão atroz lembrança; e que aprendêssemos a nos estimar a nós mesmos, conhecendo-nos nos nossos antigos escritores e admirando as acções de nossos avoengos, celebrando as nossas, e persuadindo-nos que somos uma nação que obrou grandes coisas, e que é capaz de obrar ainda maiores, o que se prova com o exemplo da presente viagem, vendo nela que a corrupção francesa não nos tem contaminado tanto que não nos mostremos heróis, quando a pátria o pede. Bom seria que algum dos grandes engenhos que entre nós existe se determinasse a escrever a nossa História Naval desde a primeira

época dos nossos imortais descobrimentos. Se o meu talento igualasse o amor e zelo que tenho pela minha ilustre nação e gloriosa pátria, há muito que teria tomado esta empresa; e o meu patrício, Jacinto Freire de Andrade\*, teria um sucessor e um continuador: então apareceriam factos muito análogos ao presente, e todas as nações cultas, assim como nos invejaram então, nos admirariam agora; mas isto são vãos desejos, porque tudo está sepultado numa baixa e vil tristeza, e pagando o sentimento e amor da literatura. Eu entrarei pela sombra do túmulo com a mágoa inconsolável de ver que muitos se pejam e se envergonham da literatura pátria, e que se pagam unicamente dos superficiais conhecimentos que agora aparecem na língua francesa, cuja prática e ensino tomara ver abolido e desterrado de Portugal, fechando-se para sempre a entrada aos seus livros pestilenciais, arrancando-os das mãos da juventude, que só desta arte se lhe pode introduzir a moral no coração e considerar-se como um crime civil a pronúncia de uma só palavra francesa<sup>1</sup>. Se o ódio pudesse ser uma virtude, só quem com toda a alma aborresse os franceses mereceria o nome de português e de virtuoso<sup>2</sup>.

---

\* Este padre natural de Beja (como José Agostinho de Macedo), e que também se aventurou na poesia, foi o autor da *Vida de Dom João de Castro, quarto vice-rei da Índia* (1651), considerada como a primeira biografia escrita em português.

<sup>1</sup> As últimas frases que terminam este discurso são um desafogo da mágoa que nos causaram os estragos da pátria pela primeira invasão dos franceses; mal cuidava eu na que nos arruinou de todo em 1810! Os franceses foram instrumentos passivos de que então se serviu a *seita* para agrilhoar o mundo. Eles o conheceram e por isso os ouvimos detestar as revoluções.

Este pequeno poema está cheio de grandes belezas, e o *malvado* meu perseguidor, numa sátira que contra mim imprimiu em Inglaterra, o abocanha entre muitos neste seu verso

*Poema em que o Herói não diz palavra*

Como se num panegírico que a alguém se consagra costumasse este alguém falar alguma coisa!! Desde esta época até ao presente ano de 1823 ainda o *malvado* não deixou de perseguir-me e insultar-me.

<sup>2</sup> Para não sair diferente esta da edição primeira, se conservaram estas agras expressões, que hoje teriam pouco ou nenhum lugar.

**O NOVO ARGONAUTA****POEMA**

De um feito ilustre, a perenal Memória  
Vale mais que um tesouro, e mais que o Mundo;  
É da Virtude o prémio, é recompensa;  
E é dos grandes Heróis a palma e louro,  
Com que do Fado e Morte as leis quebrantam.  
Mas quem digno será de um nome eterno?  
Quem tem jus à memória, e jus à fama?  
Acaso o raio da sanguínea guerra,  
Assombro dos mortais e seu flagelo,  
Que, no extermínio, nos estragos busca  
Seu nome eternizar, subir ao Templo  
Da Glória e da Virtude, enquanto a Terra  
De sangue deixa e lágrimas coberta?  
Dos homens na lembrança existe o nome  
De Alexandre, e Pompeu, de Mário e César;  
São lembrados dos séculos, quais lembram  
Dilúvio assolador, Contágio horrível,  
Que fez de Reinos e Províncias, ermos.  
Não são dignos da fama esses que o Mundo  
Trazem na confusão, no horror, no susto;  
A quem louca ambição deslumbra e cega,  
E cujas plantas os vestígios deixam,  
Que deixa a tempestade e o raio aceso,  
Quando rompendo acasteladas nuvens  
Em pomposo edifício o fogo entorna,  
Onde s'erguiam pórticos soberbos,  
Onde vastos salões, doirados tectos  
Descobre a vista atónita e confusa,  
Entre sulfúreo fumo, ardentes cinzas.  
Nas mesmas cinzas sepultar-se deve  
O nome infausto dos Heróis da guerra.  
Não sei prostituir o dom das Musas,  
A quem da Natureza ultraja os foros,  
E contra a própria espécie empunha o ferro.  
Só com feitos ilustres e famosos,  
Que a virtude inspirou, e o amor da Pátria,  
Se adquire o jus à fama, o jus ao nome.

Parabéns, Portugal, qu'entre teus filhos  
Nunca a progénie dos Heróis se acaba:  
Os mesmos 'inda são, que outrora as Quinas  
Foram erguer no Indo, erguer no Ganges.  
Os mesmos 'inda são, que o mar e o vento,  
As tempestades, os tufões venceram:  
Que, não cabendo nos confins do Tejo,  
Ilustres Cidadãos do Mundo, foram  
Seu Reino dilatar 'té donde surge  
Do berço apavonado a roxa Aurora.  
Os mesmos 'inda são, que as mais remotas  
Nações, com laço estreito, unir souberam.  
A quem não pode obstar do turvo Oceano  
A medonha extensão e o cego abismo;  
Que em Lenho nadador dobrar souberam  
A insuperável meta, em que se opunha  
À força dos mortais a Natureza.  
Sagres<sup>3</sup>, tu viste o vencedor primeiro  
Do horrído Bojador deixar teu porto,  
Ir em frágil Batel vencer-lhe a fúria.  
Argonauta Gil Eanes, se teu berço  
Fora a grande Albion\*, que Estátua e Busto  
As mais soberbas praças lhe adornaram!  
A Holanda a levantou ao que primeiro  
Foi pescador do pequenino Arenque.  
E como a História, a Poesia houveram  
Levado o nome teu da Fama ao Templo!  
Hoje nos versos meus o roubo ao Lethes\*\*,  
E a par do teu, do portentoso Dias  
Também o nome ilustre aos Astros levo:  
Lagos o viu sair no Lenho ovante.

---

<sup>3</sup> Em Sagres começaram as primeiras tentativas dos espantosos descobrimentos que eternizam e abençoam a memória do Infante D. Henrique. Estenderam-se primeiro pela costa ocidental da África até ao Cabo Não, e Bojador. Julgava-se como impossível a sua passagem, e tinha dado lugar ao prolóquio: *Quem passar o Cabo de Não, ou tornará ou não*. Mais de uma vez mandou o Infante os seus melhores pilotos, que tornaram sem ultimar a empresa, até que um marinheiro natural de Olhão, numa pequena barca, se atreveu a passar o Bojador, engolfando-se tanto no mar para evitar a corrente das águas, que houve vista do Cabo das Palmas até chegar defronte da Serra Leoa; chamava-se este marinheiro Gil Eanes; a este homem incógnito se devem tão vastas possessões por toda a costa de África, que depois se adiantaram ainda mais, até que Diogo Cão, também algarvio, descobriu o Reino do Congo.

\* Nome antigo dado às ilhas que actualmente compõem a Grã-Bretanha.

\*\* Na mitologia grega, era um dos rios que atravessava o Hades (purgatório). Simboliza o esquecimento, pois antes de reencarnarem, as almas bebiam das suas águas, esquecendo as suas vidas anteriores.

O mais perfeito dos Monarcas todos,  
O segundo João, na Lusa Terra  
O Ceptro então pacífico empunhava;  
De seus grandes Avós pisando a estrada,  
As portas quis abrir do acesso Oriente,  
Dias o Cabo austral dobrou primeiro<sup>4</sup>,  
E viu primeiro a Adamastor a frente.  
Deixou lá seus padrões marcando o trilho,  
Por onde um filho teu, Silves, devera  
Ir erguer no Indostão pendões de Lísia\*.  
Berço de Heróis, Algarve, 'inda não falham  
Em ti do mar ilustres vencedores!  
Talvez ignore o frígido Tamisa,  
E o Sena transformado em sangue e luto,  
Que o Atlântico mar banhe a pequena  
E mal sabida Olhão: é esta a Pátria  
Do novo Herói, do vencedor dos mares  
Co'as frágeis armas dum Batel pequeno,  
Cuja façanha audaz deixa esquecidos  
De Américo e Colombo o nome e os feitos.  
Impávido mortal, sem medo à morte,  
Ousou, que assombro! do profundo Oceano,  
Onde em mor extensão seu Reino ostenta,  
Cortar as vagas túmidas e bravas.  
Não conduzindo em Lenhos alterosos,  
Onde a raiva mortal das éneas bocas\*\*  
Com medonho trovão vomita a morte;  
Mas em débil Caíque<sup>5</sup> a quem do vento  
Pudera um sopro sepultar no abismo.  
Onde apenas sulcando ao longo a Costa,  
Nem Zarco<sup>6</sup> indagador se engolfaria

---

<sup>4</sup> Bartolomeu Dias, natural de Lagos, por mandado de D. João II, se aventurou a descobrir e a passar o Cabo da Boa Esperança; e segundo as instruções que levava, deixou na terra de Natal, e junta à Aguada de S. Braz, aqueles padrões, que depois achou o conde almirante D. Vasco da Gama, quando no ano de 1497, levando consigo o grande astrónomo Pedro d'Alenquer e o piloto João de Coimbra, que tinha os roteiros de Bartolomeu Dias, descobriu a Índia.

\* Lísia (*Lysia*, no texto original) tem o mesmo significado que Lusitânia. Alguns autores antigos (como Camões, n'Os *Lusíadas*) faziam remontar os termos a Lísias, filho de Baco, que supostamente teriam reinado nesta região.

\*\* *Éneas bocas* é o mesmo que bocas de bronze, isto é, canhões.

<sup>5</sup> Todos conhecem o tamanho e a construção de um caíque; não é precisa muita prudência para não se arriscar nele numa viagem do Algarve para Lisboa em tempo de Inverno, e nesta embarcação se aventurou o grande piloto Manuel de Oliveira Nobre. Caso único na História Naval de todos os povos.

Tanto no vasto mar, que a doce terra  
Perder de vista espavorida ousara.  
Quem, magnânimo Herói, 'té agora ignoto,  
Quem te anima e conduz? Acaso a sede,  
A infausta sede do metal luzente,  
Fonte antiga de crimes e desgraças,  
Que outrora fez sair da praia Hespéria\*  
O façanhoso Almagro<sup>7</sup>, que profana  
Primeiro o vasto mar, depois a terra,  
Para arrancar-lhe do profundo seio  
Desgraçada riqueza? Acaso voas  
Por cima dessa líquida campina,  
Que a vista crê que ao Céu se apega sempre,  
Novas terras buscar, ou novo Império,  
Qual foi pelo pacífico Oceano,  
Cook atrevido inquietar tranquilos  
Homens da Natureza? Ou vão capricho  
Acaso te livrou de ver quais eram  
Os costumes e as leis de estranhas Ilhas,  
E de que plantas a fecunda terra  
Debaixo doutro Céu se cubra e vista,  
Qual já foi La Pérouse\*\* adeus eterno  
Dizendo ao doce lar, dizendo à Europa?  
Em ti foi só Virtude; e se um renome

---

<sup>6</sup> João Gonçalves Zarco descobriu a ilha da Madeira nos dias do Infante D. Henrique, mas navegando numa caravela.

\* Referência à *ocidental praia lusitana* (segundo verso d'*Os Lusíadas*). Na antiguidade grega, a Hespéria simbolizava o ocidente. O próprio Camões, na obra citada, também aproveitou o nome para com ele invocar a Península Ibérica.

<sup>7</sup> Diogo de Almagro foi um dos mais ferozes e extraordinários espanhóis que passaram à América no tempo dos descobrimentos e conquistas. É bem conhecida a horrível dissensão entre os Almagros e Pizarros; este homem ferocíssimo saiu de Palos numa pequena embarcação, chegou com espanto de todos à Ilha de São Domingos, e foi tomar o comando dos espanhóis no Peru, dali empreendeu a conquista do Chile no ano de 1534, e passou a cavalo as cordilheiras, ou Andes, as mais altas montanhas do globo, que formam uma cadeia de mais de 1200 léguas de extensão desde o istmo de Panamá até ao estreito de Magalhães, e separam o Peru do Chile, correndo de norte a sul. [Agustín de] Zárate, na *História da Conquista do Peru*, Livro III, Cap. II, diz-nos que quando o terrível Almagro passou estas montanhas, lhe morreram de frio muitos dos seus soldados; e quando as repassou cinco meses depois, na força do estio, achou os seus corpos ainda de pé encostados aos rochedos, conservando os cavalos pelas rédeas, e tão frescos como se antes poucos momentos houvessem expirado, cuja carne, diz o historiador espanhol, serviu de sustento a Almagro e aos outros soldados que o acompanhavam. A causa desta incorruptibilidade é inteiramente física. Estas montanhas, pela sua excessiva elevação, são inacessíveis à chuva e ao calor, princípio da putrefacção nos corpos organizados.

\*\* O navegador francês Jean-François de La Pérouse aventurou-se em 1785 numa viagem de circum-navegação cujo objectivo não foi logrado, uma vez que a expedição desapareceu três anos depois, na zona das Ilhas Salomão.

Merece a tua acção, merece altares  
O motivo da acção. Régulo expira,  
Por sustentar um juramento dado:  
Curcio\* se arroja na voragem funda,  
Julga salvar a Pátria; e não fizeram  
Quanto fizeste tu. Pode em teu peito  
O amor da liberdade, o amor do Trono,  
Tanto, que ousaste aventurar a vida,  
Indo bradar à América assustada,  
Que o grillão se quebrou, e a vil Coorte\*\*  
Dos assassinos Vândalos fugira.  
E que a Pátria de Heróis, o Algarve pôde<sup>8</sup>  
Primeiro agrilhoar-lhe a cerviz dura;  
Primeiro erguer da liberdade o grito.  
Foste entornar no virtuoso peito  
Do Magnânimo Príncipe em torrentes  
Consoladora paz, doce alegria.  
Foste dizer que a tricolor bandeira  
Caiu desfeita c' o tremendo golpe  
Que o Dragão Luso desfechou das garras.  
Que a Pátria respirou, que a nuvem densa  
Da tristeza e de horror se dissipara.  
Que as abundantes lágrimas vertidas  
Na já serena face, se enxugaram.

Mas quando na tua alma o grito ouviste,  
Que te dava a Virtude e o grão projecto,  
Teu coração pulsou, quando pisaste  
De Olhão as praias húmidas, e foste  
Teu Batel demandar, não viste os filhos

---

\* Referência ao herói latino Marcus Curtius. Segundo a lenda, um fosso profundo tinha surgido inexplicavelmente em pleno Fórum de Roma. A população tentou tapá-lo, mas uma vez que a tarefa era ineficaz, foi consultado o oráculo, que indicou que o fosso só podia ser fechado se fosse atirado para dentro dele o bem mais valioso da cidade. Invocando que o maior bem que tinha Roma era a bravura e coragem dos seus soldados, Marcus Curtius, montado a cavalo e completamente armado, jogou-se para o dito fosso, sacrificando a sua vida, mas salvando a cidade.

\*\* *Coorte* tem o significado genérico de *multidão partidária* ou *gente armada*, podendo também significar, em termos militares, um *terço* ou *500 soldados*.

<sup>8</sup> O primeiro grito da nossa liberdade e restauração soou no Algarve. A pequena revolução começada na praia de Olhão derramou-se por todas as cidades e vilas daquele Reino, e tomou sua verdadeira consistência pelas sábias e muito políticas disposições do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Marquês de Olhão, hoje um dos cinco governadores do Reino. O Marechal José Lopes de Sousa teve uma grande parte nesta acção gloriosa, que ocupará um digno lugar nos fastos da monarquia portuguesa.

Que para ti seus braços estendiam?  
Não lhes ouviste a voz trémula e frouxa,  
Com que te chamam Pai? E não suspendes  
A tão triste espectáculo teus passos?  
Virtude pode mais que a Natureza;  
Que o paternal amor mais pode a Pátria.  
Homem raro e sublime, ah! tu disseste,  
Antes que eu fosse Pai, nasci Vassalo:  
Mais que aos filhos, à Pátria a vida eu devo.  
Já sufocaste a voz da Natureza;  
Mas não te espanta ver que dúbia estrada  
Tens de seguir no pequenino Lenho?  
Sabes que o Porto que demandas fica  
No oposto Continente, e que dos olhos  
Te há de fugir o lúcido Cruzeiro?  
Acaso ignoras que na justa Linha  
Que em porções tão iguais divide o Globo,  
Te espera a tempestade horrenda e feia,  
O trovão bramidor e o raio aceso?  
O crepitante horrísono chuveiro,  
E a sufocante e triste calma  
Que no espalhado mar teu Barco prensa?  
Que dentro e fora revoando a Morte,  
Ora às mãos da doença, ora da fome,  
Te quebre o fio da mortal carreira?  
Tu não vês que mal pode o frágil Lenho  
As fúrias contrastar do vento irado?  
Que bem pode o Tufão caliginoso\*,  
Senão meter-te no profundo abismo,  
Levar-te a seu sabor a um clima estranho,  
Onde teu nome sepultado fique,  
Nome tão digno de existir na Terra?  
Não vás, não vás, Herói, qu' em grandes feitos  
Basta a vontade, para ser eterno.  
Já deste nome à Pátria, a Lusa História,  
Ao tempo que é por vir, dirá qu' existe  
Olhão, que o berço dera ao Génio ilustre,  
Que ousou dizer aos homens assombrados  
Que em pequeno Caíque ao Mundo iria,  
Por tanto tempo incógnito aos humanos,  
Onde se esconde o Sol, onde o Monarca,  
Que as fúrias iludiu do infausto Monstro,

---

\* O mesmo que *escuro*.

Que hoje<sup>9</sup> o Danúbio c'as volúveis ondas,  
 Já prostrado uma vez, anseia e aperta,  
 Conserva a independência, a Pátria, o Trono.  
 Suspende-te, não vás, tens feito tudo:  
 É tua a Glória, eterno o teu renome.  
 Acaso és César tu<sup>10</sup>, que julga nada  
 O que tem feito c'o valente braço,  
 Se alguma acção heróica 'inda lhe resta?  
 Acaso tu supões, qual ele outrora,  
 Quando em pequena barca o mar talhava,  
 Que d'alta Hespéria o Ilírico\* divide,  
 Que a Fortuna a teus pés presa conservas?  
 Nada suspende um ânimo constante.  
 Nada sabe temer quem busca a glória,  
 Pelos caminhos da Virtude austera.  
 Forra-lhe o peito triplicado bronze  
 Impérvio\*\* ao susto que se apossa d'alma  
 Em ver do mar azul o campo imenso  
 Em altas serranias transformado.  
 Chega o momento, a recurvada praia  
 Toda de povo atónito se cobre,  
 Qual de Restelo<sup>11</sup> pela mole areia  
 Da Real Olissipo o imenso povo  
 Noutras eras se viu, quando o terrível  
 Gama, largando a vela ao solto vento,  
 Foi demandar da Aurora o berço intacto,  
 As retorcidas âncoras suspende  
 Co'a não trémula mão, da branca vela  
 Ele as prisões soltou, e imóvel sempre  
 Aos olhos nem sequer lhe assoma o pranto.  
 O ligeiro Baixel já corta as ondas,  
 Um longo e branco sulco atrás deixando,  
 Pôs no escuto Ocidente a altiva proa.

---

<sup>9</sup> Hoje, 25 de Junho de 1809, anunciou-se na Gazeta de Espanha a derrota do exército francês junto a Viena e a retirada de Bonaparte a uma ilha do Danúbio. Este acontecimento marca a época desta composição. (O contrário se viu depois).

<sup>10</sup> *Nihil actum reputans, si quid superesset agendum. (Caesarem vehis)*. [Tradução: Nada foi feito se algo continua por se fazer. (Segundo César)].

\* Referência a *Illyricum*, província do Império Romano, situada na parte ocidental da Península das Balcãs.

\*\* O mesmo que *impávido* ou *sereno*.

<sup>11</sup> No momento da partida de Vasco da Gama se observou na praia do Restelo (hoje Belém) um espectáculo de todo novo na Europa. Os parentes, os pais, os amigos do que embarcavam envoltos em lágrimas e no silêncio da obstupefacção sobre uma viagem tão incerta; a melhor passagem da *Lusíada* é a prosopopeia do Velho.

E quando à vista se roubou de tudo,  
 E os fitos olhos de o buscar cansaram,  
 Nem já, qual ponto escuro, aparecia  
 N'horizonte do mar, que amargo choro  
 Se ouviu soar nos montes sobranceiros  
 À líquida planície! As Mães e Esposas,  
 Desgrenhando o cabelo, aos Céus alçaram  
 Mavioso grito, que a Celeste Guarda  
 Em socorro chamou. Prendem-se os ventos,  
 Brilha sereno o Céu, calam-se as ondas.  
 Seja-lhe o mar propício e as fúrias guarde,  
 Guarde a morte as horrísonas tormentas  
 Para os monstros cruéis que nutre a Gália,  
 Que enchendo a Terra de fatais estragos,  
 'Inda a cega ambição pequena a julga  
 Para teatro do sanguíneo Marte:  
 E entre as ondas buscar vai novo campo,  
 Onde entregue mais vítimas à morte,  
 Pondo-se frente a frente em curvos lenhos,  
 Co'as negras bocas imitando, ousados,  
 No estampido o trovão, no golpe o raio.  
 Este Herói leva a paz, não leva estragos,  
 Vai enxugar as lágrimas de tantos:  
 E no seu coração conduz a Pátria  
 Das almas nobres, nobre electricismo,  
 Nome de um Povo Rei, que ao Tibre outrora  
 Fez curvar de respeito o turvo Oceano,  
 Da mortal vida o círculo alargando  
 Acções obrou, que a humanidade ilustram.

A Princesa do mar<sup>12</sup>, que a altiva fronte  
 De vicejantes pâmpanos\* coroa,  
 Se mostra ao longe ao Nauta não turbado;  
 Leva o ignoto Baixel prodígios dentro,  
 Que d'alto assombro os Íncolas\*\* encheram  
 Da viçosa Madeira. As praias correm  
 Arqueado o sobrolho, a boca muda,

---

<sup>12</sup> A primeira derrota que seguiu o grande piloto Manuel de Oliveira Nobre foi a da ilha da Madeira; aqui se refez de água e mantimento para a longa navegação, e levou consigo um jovem piloto, que tinha já feito a carreira da Índia, lembrando-se, como ele mesmo me disse, que poderia adoecer ou morrer, e neste caso conservar a existência dos que consigo levava, que como pescadores de Olhão nunca tinham perdido de vista as costas de Portugal.

\* Referência aos vinhos da Madeira (*pâmpano* significa o *ramo tenro, com folhas, da videira*).

\*\* Do latim *incola*, isto é, *habitantes*.

O grão prodígio extáticos admiram.  
Mal o confuso espírito acredita  
A nova cena que descobre a vista.  
Solta de novo ao vento a larga vela,  
E o remoto Brasil o Herói já busca:  
Nunca dele trilhado incerto campo.  
Aos olhos impretérito\*\*\* se mostra.  
O giro segue ao Sol, e mal segura  
Estimativa na derrota segue.  
É seu fanal heróica alta virtude,  
Indomável esforço, amor da glória.  
É-lhe incógnito o mar, qual se mostrara  
Do guerreiro Cabral outrora aos olhos,  
Que do acesso Equador cortando o clima  
Nova estrela Polar no sul descobre,  
E a fúlgida Coroa em Céu não visto.  
Então, toldado o líquido Horizonte  
De acasteladas nuvens, brame o vento,  
Soa o rouco trovão, lança a tormenta  
Sobre um mar outro mar, sorvem-lhe as ondas  
O convulso Baixel, de novo aos ares  
As encruzadas ondas o vomitam:  
Em hórrida peleja os Elementos  
Em cada vaga a sepultura mostram.  
A prematura noite os Céus envolve  
Numa espantosa escuridão, e apenas  
Ao fuzilar do rápido corisco,  
Mostra-se o Mundo repentino, e foge.  
Nem onde existe sabe o Herói valente:  
É ludíbrico das ondas e dos ventos.  
Enquanto soa a negra tempestade,  
Sem que um palmo de vela aos ares mostre,  
Implora a Providência, e na justiça  
Da nobre causa, as esperanças firma.  
'Té que quase ao romper nos Céus a Aurora  
Um da campanha intrépida lhe brada  
Que vê mais claro o mar, e ondas mais brandas,  
Quais junto à costa as águas se prateiam;  
Mas quando o Sol surgiu, que assombro e susto  
Do navegante audaz quebranta o peito!  
Não longe a Terra viu, e estranhos montes  
De entrelaçadas árvores cobertos:

---

\*\*\* O mesmo que *indispensável*.

A terra não conhece, eis se lhe mostra  
Boiando ao longe rápida canoa,  
Que mal divisa o combatido Lenho,  
Vem de voga arrancada ao frágil bordo.  
Então sabe dos negros remadores,  
Que da agreste Caiena<sup>13</sup> as águas corta;  
Foge à terra cruel e à praia avara  
Ó Nauta invicto, que os ferozes Tigres  
'Inda pisam seu bárbaro terreno;  
'Inda que o raio Português já voa  
A fazer-lhes sentir pesados golpes.  
Tens descoberto a América buscada;  
Demanda agora o suspirado porto,  
Fim da fadiga tua, e teus desejos.  
Eis nova Empresa e desusado arrojo,  
Correr ao longo no pequeno Lenho  
A vasta costa do Brasil inteiro!  
De alto louvor um peito cobiçoso  
Não receia os vaivéns da instável sorte,  
Nem há fragosa estrada ou ínvio atalho  
Que não possa vencer Virtude e Pátria!  
Volve a proa outra vez; se o vento falha,  
Se as lisonjeiras auras escasseiam,  
Varrem o mar c'os lutados remos.  
Ele o timão dirige, e anima a todos  
Só c'um volver dos olhos onde assoma,  
Virtude, intrepidez e amor da glória.  
Acha tranquilo o mar, galerno\* o vento,  
'Té que entestou c'o penhascoso marco,  
A natural pirâmide que sobe  
Do fundo seio aos ares dilatados  
Na foz do quase anfiteatro imenso,  
Que mostra aos olhos o Real Janeiro.  
Então desprega da boiante popa  
O Estandarte fatal, onde esculpidos  
Vão os sinais da Redenção do Mundo.

---

<sup>13</sup> Como o piloto Manuel de Oliveira Nobre não era prático na carreira do Brasil e tinha deixado em Lisboa as suas cartas hidrográficas, dirigia-se por uma estimativa muito incerta, sendo o seu maior cuidado observar a direcção das correntes do Oceano, e dirigir o rumo do caïque conforme estas correntes. A primeira terra que avistou, depois de um grande temporal, foi a Caiena, então francesa; tornou a fazer-se ao largo e buscar a altura de Pernambuco, onde aportou, vindo depois com penosa viagem ao longo de quase toda a costa do Brasil demandar o Rio de Janeiro.

\* Vento brando e aprazível do nordeste, que na época também era conhecido como *Galego*.

Hei mister outra voz, estro mais alto,  
Outro fogo que escale a fantasia;  
Outros pincéis insólitos que tracem  
O desusado quadro. Apenas soa  
A voz da Fama nos doirados Paços<sup>14</sup>,  
E do Monarca enternecido à vista  
Tão estranho espectáculo se mostra,  
E o vacilante Barco as praias toca;  
E desde a popa o triunfante Nauta  
Alça a voz, e anuncia a liberdade,  
E da Pátria o grilhão quebrado e roto.  
Nunca no peito humano afectos tantos  
Entraram de uma vez! Dum lado, assombro  
De ver domado o tímido Oceano,  
Vencida a estrada perigosa, imensa  
Para um mortal, que as ondas assoberba  
Em tão pequeno Lenho; e doutro lado,  
Da libertada Pátria a imagem doce,  
Dos Vassalos o amor ao Trono Augusto,  
Com caracteres imortais expresso  
No grão Navegador, que ao Soberano  
Da vitória imortal conduz o brado,  
E a cena expõe da mísera derrota  
De avarentos, cobardes opressores.  
Os Britanos magnânimos observam  
Do Nauta patriota a audaz façanha.  
Como potentes árbitros dos mares,  
E a quem não resta incógnito um só clima,  
Com carregada sobancelha admiram  
A portentosa audácia, que obscurece  
Quanto em seus Faustos a naval História  
De grande e memorável apregoa:  
É mais vadear o tímido Oceano,  
Onde mor extensão divide os Mundos  
Num estreito Caíque apenas apto

---

<sup>14</sup> O piloto Manuel de Oliveira Nobre foi recebido no Rio de Janeiro com aquelas demonstrações e aplausos que merecia uma acção tão heróica, inspirada pelo patriotismo, e por ele conduzida: acção de que não se acha um só exemplo, quando se considera a pequenez da embarcação em que este grande homem se atreveu a passar o Oceano na sua maior extensão. Foi recebido por Sua Alteza o Príncipe Regente Nosso Senhor com muita satisfação, por entre vivas e admiração da Corte: foi condecorado com a insígnia da Ordem Militar de Cristo e com a patente de Tenente da Armada Real, e seus companheiros igualmente condecorados com uma medalha de honra ganhada numa acção que assombra a presente idade, e assombrará a futura.

À pescaria litoral, que a volta  
Que Drake<sup>15</sup> deu primeiro ao mar e à terra,  
Em artilhadas Naus; e é mais que o longo  
Giro, que fez no mar em Lenho altivo  
Anson, que as armas leva ao Mundo oposto.  
Tudo o que vêm no ilustre navegante  
Britano se lhe antolha: o amor da Pátria,  
O desprezo da morte, incontrastável  
Peito, que afronta as lúgubres tormentas;  
Que julga lar tranquilo, e doce albergue,  
O que é da morte, e dos tufões império  
Britano não é só; que a Lusa Terra  
Também é Pátria das acções sublimes.  
Foi seu do vasto mar primeiro o Império:  
E se o Tamisa triunfante estende  
O náutico Tridente aos fins do Globo,  
Ao Luso deve o trilho em vão tentado  
Antes doutra Nação. Se foi Colombo<sup>16</sup>  
Descobrir remotíssimas Antilhas,  
De um Nauta Português segue o roteiro;  
Escondido depósito, que a morte  
Deixou nas mãos do Ligure ditoso\*.  
Se Cadamosto<sup>17</sup> intrépido se entranha  
Mais pelo escuro ocaso, e o Continente

---

<sup>15</sup> O primeiro circum-navegador entre os Ingleses foi o almirante Francis Drake, que embocando o estreito já descoberto por Fernando de Magalhães fez o giro inteiro do globo, vindo para a Europa pelo Cabo da Boa Esperança. O almirante Anson é também um dos famosos navegadores ingleses antes de Cook, a quem Bufon chama o maior de todos. Anson fez o giro do globo, porém o motivo da sua longa viagem foi puramente político e militar. Faz muitas descrições de diversas paragens, e mostra nas suas viagens que não só é bom navegante, mas bom observador.

<sup>16</sup> Cristóvão Colombo, genovês e nativo de Savona, segundo dizem, residiu muitos anos em Lisboa, e daqui começou suas primeiras tentativas nos descobrimentos de ultramar. Foram rejeitadas na Corte as proposições que ele fazia para o novo descobrimento, passou então ao serviço de Espanha, e lá se lhe deram as embarcações que pedia. É tradição entre nós que existindo Colombo na ilha da Madeira em casa de um piloto português, pela morte deste se apoderara de seus papéis, cartas e roteiros, onde achara a derrota da viagem para o ocidente, e de que se serviria no seu descobrimento. Outros dizem que devera as mais importantes instruções para esta grande empresa a um piloto biscaíno, que em companhia de alguns portugueses, levado de um grande temporal, houve primeiro vista da ilha de Cuba.

\* Referência à naturalidade de Colombo. De facto, ligure é o nome dado ao habitante da antiga Lígúria, que abrangia a zona onde actualmente se situa o norte da Itália e o sul da França (em cujo centro se encontra precisamente as cidades italianas de Génova e Savona).

<sup>17</sup> Jerónimo Cadamosto veio também a Portugal, e, guiado de pilotos portugueses, fez os seus descobrimentos de tanta utilidade para Castela. Américo Vespúcio Florentino viveu e morreu em Portugal, e está sepultado na Sé de Lisboa. Não se atreviam a navegar e descobrir sem portugueses.

Dos desgraçados Incas vasto Império,  
Primeiro demandou; da foz do Tejo  
Saiu no curvo Lenho, e a Luso esforço  
Deve a conquista, deve a descoberta.  
E Américo também, qu' a um Mundo ignoto  
O nome seu foi dar, que 'inda conserva,  
Deixando as praias do cerúleo Tejo,  
Piloto Português conduz seu voos.  
De Lísia é produção, de Lísia estudo,  
O seguro Astrolábio, o certo Octante,  
Na imensa solidão do mar fremente,  
Fanal que aclara a sombra e marca a estrada.  
Das ondas mede os Céus e observa os Astros;  
Do Sol conhece a altura e conta os passos;  
E sem falhar no líquido caminho,  
Ao menos marca ao certo a Latitude.  
Lusitanos Hebreus, e o Grande Henrique<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> O Infante D. Henrique, a quem Portugal e o mundo devem tanto, fundou em Sagres uma escola para facilitar aos navegadores os meios de fazerem descobrimentos pelo Oceano. Depois que o seu pai D. João I conquistou Ceuta, começaram os navegadores portugueses a se estender pelas costas de África. O Infante tinha consigo dois matemáticos hebreus (Mestre José, e Mestre Rodrigo). Foram eles os primeiros que construíram Instrumentos, com os quais os pilotos se pudessem conduzir em mar largo observando os astros. As nossas histórias, que desprezaram sempre a parte literária e científica da nação, não nos dizem que instrumentos eram estes; somente declaram que o Infante dera aos pilotos muitos Instrumentos para tomar e determinar a latitude; sei que entre eles se contava o astrolábio e nocturlábio. Este último servia para determinar quanto a Estrela do Norte andava mais baixa ou mais alta que o pólo, e que horas eram da noite. Com o astrolábio se tomava a altura dos astros. Eram, sem dúvida, defeituosos estes instrumentos no seu princípio; mas é um grande brasão para os portugueses, que o latrocínio e orgulho francês tratou há pouco de estúpidos, terem imaginado meios de resolver os mais difíceis problemas náuticos, pois é indubitável que a invenção do astrolábio e nocturlábio é puramente portuguesa, e isto no tempo em que os franceses e ingleses viviam envoltos nas trevas da mais grosseira ignorância e barbaridade. Os navegadores portugueses animados e ilustrados com estas instruções correram e conquistaram toda a costa da África, descobriram a América, e abriram a desejada passagem para as Índias Orientais. Os primeiros sucessos dos pilotos do Infante D. Henrique satisfizeram tantos os judeus José e Rodrigo, que primeiro no mundo formaram o projecto e conceberam a ideia de construir cartas marítimas. Sabiam que uma das grandes dificuldades na navegação era saber o rumo que se devia seguir para chegar ao lugar destinado. As cartas geográficas já então eram conhecidas, porém eram nulas na navegação; porque nestas cartas os meridianos se unem aos pólos. Ora, neste caso, o rumo do vento, ou a derrota do navio, devia cortar todos os meridianos debaixo de um mesmo ângulo. Isto eram linhas curvas, e as linhas curvas não podem fazer conhecer a derrota que o navio deve seguir. Para salvar este inconveniente, os dois matemáticos, sem a ênfase intolerável das modernas cabeças calculantes, imaginaram cartas cujos meridianos fossem em linhas rectas e paralelas, e por este meio os rumos do vento, formados por linhas rectas, cortarão todos os meridianos debaixo de um mesmo ângulo. Supuseram nesta construção que o mar era uma superfície plana, sem contar com a diminuição dos graus de longitude à medida que se aparta do equador; diminuição que provém da esfericidade do globo terrestre. Esta suposição era um

Primeiro o rumo aos Nautas acertaram,  
Sobre a carta naval traçando as linhas  
Entre si paralelas e cortadas:  
Arte rude, quais todas no começo,  
Hoje à suprema perfeição levadas;  
Mas deve a origem sua ao Luso engenho,  
E um Lusitano<sup>19</sup> se lembrou primeiro  
De medir, calcular, que espaço corra  
No solitário mar nadante pinho,  
Invento, que 'inda segue, inda respeita,  
Douta Europa no século das luzes;  
Com tais socorros, Nautas Lusitanos,  
Foram dos mares subjugar o império,  
Quando o Bretão profundo e o Galo ousado  
Não se atreviam no boiante Lenho  
Doce praia natal perder de vista.  
Foi com eles o Gama além da meta,  
Que nunca atrás deixou náutico esforço  
Colher no Indo e Idaspe\* eternos louros.  
Deixando já vencido, e já domado  
O promontório austral d'África adusta,  
Sólio\*\* eterno do vento e das tormentas,  
Que em áureos versos o Cantor do Tejo  
Transformou num Gigante horrendo e feio,  
Que desgraças fatais ao Nauta agoura;  
Quando abaixando o musculoso braço,  
Donde pendentes tinha as áureas chaves  
Do lúcido Oriente, ao Nauta ousado

---

erro muito considerável numa grande carta; contudo, não se pode roubar aos portugueses a glória da invenção. Tudo isto permanece esquecido entre nós. Sempre desprezamos as próprias riquezas para nos deixarmos embair das missangas estrangeiras; é tal a nossa incúria, ou indiferença, que, existindo em Coimbra o famoso instrumento chamado o nónio, construído por Pedro Nunes (homem que adivinhou a astronomia moderna, e que determinou a verdadeira causa dos crepúsculos e aurora boreal), como era de bronze, derreteram-no, e fizeram maçanetas para as grades de ferro da escada do Colégio dos Padres Bentos!!!!

<sup>19</sup> Da história portuguesa não nos consta desta invenção, nem sabemos o nome do seu autor. Na *História dos progressos do engenho humano nas Ciências exactas*, II. Vol., pág. 217, lê-se que o instrumento se chama a barquinha, e seu autor Bartolomeu Crescêncio; o sobrenome não parece português; mas os superficiais franceses são miseráveis em escrever os nossos nomes, invertem e pervertem tudo. Entre nós esqueceu, assim como esquece que o primeiro aeronauta foi Bartolomeu Lourenço de Gusmão, que morreu no Hospital de Sevilha, e que o primeiro explicador da hipótese de Newton sobre o fenómeno das marés se chamava Bento de Moura, e morreu no Forte da Junqueira.

\* Nome de dois rios da Índia, ambos referenciados n'Os *Lusíadas* de Camões, autor abaixo referenciado como o "Cantor do Tejo".

\*\* O mesmo que *trono, assento, poder real*.

Submisso as entregou, e avante passa,  
Deixando para sempre a estrada aberta  
Aos heróis qu'após ele ao Ganges foram,  
Entre palmas erguer Pendões de Lísia,  
E com brado imortal de ilustres feitos  
Encher o Mundo e despertar a inveja  
Nos Povos Europeus, e o amor da Glória.  
Quem foi o que animou e encheu de fogo  
Um Bougainville<sup>\*\*\*</sup> audaz, Cook arrojado,  
Três vezes a formar do Globo o giro?  
Tu foste, ó Magalhães<sup>20</sup>, teu nome ilustre  
Adora o tempo, as regiões conservam.  
Ele o canal navífrago anuncia,  
Por onde a medo, tateando as ondas,  
Mal se atrevem passar Baixéis Britanos.  
Magalhães imortal primeiro a volta  
Do Globo inteiro fez, pasmoso esforço,  
Que excede o voo das Romanas Águias,  
E que do Jovem Macedónio\* mostra  
Ser pequena a ambição, ser nada a glória!  
Da praia Ocidental largando as velas  
Foi, émula do Sol, a Nau triunfante,  
Do Atlântico mar varrendo as ondas,  
E com propício sopro a extrema ponta  
Tocou do novo Mundo, ousando a ignota  
Estrada cometer de um mar, que nunca  
De Lenhos Europeus cortada fora.  
Tanto o Gama não fez; e era já visto  
Do grão Nauta Algarvio<sup>21</sup> a austral baliza,

---

<sup>\*\*\*</sup> Louis Antoine de Bougainville foi o primeiro francês a realizar uma viagem de circun-navegação (entre 1766 e 1769).

<sup>20</sup> Ninguém ignora o nome de Fernando [Fernão] de Magalhães, natural de Braga, onde ainda vivem descendentes seus. Este homem raro tinha feito a viagem da Índia; era um grande observador, e tinha todos os estudos daquela idade, ajudados de grande valor e constância, que se requer para novos descobrimentos no mar. Por seus serviços e nobreza, pediu mais um tostão de moradia, como tinham os do seu foro; foi-lhe negado este tostão, porque na moradia o igualava a outros que se julgavam mais nobres e maiores que ele. Tomou desta suposta afronta a mais estrondosa vingança que viu o mundo: desnaturalizou-se, e se passou ao serviço de Castela, oferecendo-se a achar uma passagem pela América para as Filipinas e Molucas, o que conseguiu, descobrindo o estreito que ainda conserva o seu nome; e desembocando por ele no Mar Pacífico, morreu numa das ilhas dos Ladrões; e a Nau Vitória, em que tinha navegado, dando a primeira volta ao globo, tornou a entrar em Sevilha, donde tinha saído. Levou em sua companhia um astrónomo chamado Francisco Faleiro, cuja pátria se ignora; este aperfeiçoou o astrolábio e mostrou numa carta que formara a derrota que devia seguir, e, então, Carlos V, em Saragoça, aceitou-lhe a oferta, e mandou-lhe as embarcações que se aprontaram em Sevilha.

\* Referência a Alexandre Magno ou Alexandre o Grande (séc. IV a.C.), natural da Macedónia.

E além dela os padrões tinha deixado.  
E Magalhães intrépido e seguro  
A garganta embocou; de um lado, e doutro  
Vê Vulcões vomitando fumo e fogo,  
Praias cobertas d'hórridos Gigantes,  
O Céu toldado sempre, e as vagas turvas  
Rebentando em cachão, e não recua  
O feroz Magalhães! Tanto puderam  
A vingança e valor! E arfando rompe  
Por entre os braços da tormenta e morte,  
N'Oceano pacífico não visto  
Por Nauta Português, antes que o vento,  
Em furacão medonho arrebatado,  
Dos negros mares do Japão fizesse,  
Tanto aberrar o memorável Pinto<sup>22</sup>,  
Que se engolfou sem rumo, e sem governo,  
No mar que banha os Papuas horrendos.  
Já na vasta campina aferra as Ilhas,  
Onde o Fado lhe guarda a morte e a campa.  
Em tanto a Nau vitoriosa os mares  
Corta do China extremo, e desce, e emboca  
O estreito, onde Malaca ao ar levanta  
O muro que o Malaio 'inda receia,  
Onde com sangue bárbaro escrevera  
Seu nome, seus troféus da guerra o Nume\*,  
Albuquerque terrível. Negros Indos  
Vem depois visitar, e passa ovante  
Em frente do Indostão, onde espantosas  
Bombardas soaram, que susto, e morte,  
Tragam até do Nilo à fonte e às bocas;  
Cujo estampido horrendo o peito assuste  
Do Bósforo ao Tirano. A África ardente  
Eis, já descobre ao longe, e de Quiloa\*\*

---

<sup>21</sup> Bartolomeu Dias tinha passado o Cabo da Boa Esperança no reinado de D. João II e um dos pilotos que acompanhavam o conde D. Vasco da Gama, havia ido com Bartolomeu Dias.

<sup>22</sup> Fernão Mendes Pinto, que podemos considerar como o primeiro viajante da Europa pelo que pertence à Ásia, é em tudo um homem benemérito da pátria, e digno de memória e estima universal. A história de suas peregrinações é um tesouro de erudição pelo que diz respeito à Ásia até àquele tempo incógnita, ainda mesmo contando a descrição do padre Du Halde, e a História de Martini. Sua linguagem é puríssima e correcta, e talvez seja um dos primeiros clássicos portugueses. Foi o primeiro descobridor do Japão com Cristóvão Borralho e Diogo Zeimoto, e o que por força de um temporal decaiu mais de 600 léguas da altura do Japão para as costas da América, e chegou às Ilhas dos Papuas, Célebres e Mindanús, vistas depois por Cook.

\* Em termos poéticos, *Nume* tem o significado de divindade inspiradora.

Adustos areais, o inabitado  
Austral Pólo demanda, envolto em sombra,  
À sôfrega ambição de Cook, impérvio  
Monta e passa o medonho em mar, e em ventos,  
Em tempestades tormentoso Cabo:  
Seguindo o giro ao Sol, onde ele expira;  
Não mais digna do Céu do qu'Argos fora,  
Digna do nome de Vitória, aferra  
O porto donde a vela ao vento dando,  
Vingar fora uma afronta, achar um Mundo.

Milagre 'inda maior descubro em Lísia,  
Que o crédito excedeu de antigas eras,  
E que talvez em verso altissonante  
Hoje arranque das mãos do esquecimento.  
Magalhães absolveu do Mundo o giro,  
Em Nau possante assoberbando as ondas,  
Deu exemplo ao Britano, e foi primeiro,  
É este o seu brasão, muitos o igualam;  
Mas Botelho<sup>23</sup> o venceu na audácia e brio.  
Venceu La Hire\* e Davis\*\*, que soltando

---

\*\* Quíloa foi o nome que os portugueses deram à ilha de Kilwa Kisiwani (actualmente pertencente à Tanzânia).

<sup>23</sup> Da portentosa viagem num caíque ao Rio de Janeiro vemos um ensaio em Diogo Botelho Pereira, nativo, como dizem, da ilha de S. Miguel. Militava na Índia, sepultura naquele tempo, como diz Luís de Camões, de todo o pobre honrado, e achou-se com o governador Nuno da Cunha na conquista e entrada de Diu, praça importantíssima no golfo de Cambaia, e praça que devíamos conservar como portugueses, ainda que perdêssemos toda a Índia. El-Rei D. João III tinha um grande empenho na conquista desta praça, que devia ser depois o maior teatro da glória portuguesa nos dois memoráveis cercos, não sendo uma pequena parte desta glória a descrição do segundo, pela delicada pena de Jacinto Freire de Andrade. Diogo Botelho, desejo de ganhar honra e satisfazer a ânsia do monarca, tirou a planta da fortaleza, armou uma fusta, que tinha dezoito pés de comprimento, e doze de largura, e seis de altura; meteu-se dentro com seis escravos seus, e atreveu-se a passar quase 700 léguas de mar limpo, que há entre Diu e Moçambique, veio costa a costa até ao Cabo de Boa Esperança, e dirigindo-se ao longo da terra por toda a África Ocidental, deu fundo na ilha da Madeira. Refrescou, e veio a Lisboa; soube que El-Rei estava em Almeirim, e na mesma fusta foi a Santarém. Foi recebido na Corte com aplauso que merecia tão grande façanha, e tanto amor da pátria. Mas tratando este negócio em Conselho, decidiu-se que era um caso que se devia ocultar aos estrangeiros para que não soubessem quão fácil era a carreira da Índia. A fusta foi queimada na boca de Sacavém, onde a encalharam, e Diogo Botelho foi sepultado vivo numa masmorra do castelo, onde existiu até ao reinado de D. Sebastião, cujo coração prezava as acções grandes; mandou-o tirar da prisão e o fez governador de São Jorge da Mina, onde apenas chegou, morreu.

\* Possível referência (?) ao herói Étienne de Vignolles, militar francês (séc. XV) que combateu ao lado de Joana d'Arc. O seu apelido, *La Hire* ("a ira"), deriva da acção bélica que exerceu durante praticamente toda a sua vida.

Ao vento o leve pano o Globo inteiro  
Ousaram circular domando a fúria  
D'horrissonos tufões caliginosos  
Do Pólo austral, que devassar pretendem,  
Onde ativa Albion pendões levante,  
E faça ouvir mortíferas bombardas,  
Qu'ora ao monstro da Gália as fúrias quebram.  
Mais que todos fizeste, em Lenho exíguo.  
Ousaste, Herói, cortar sem medo à morte,  
Quanto se estende pélago profundo,  
Do seio de Cambaia<sup>\*\*\*</sup> à foz do Tejo.  
Caiu soberba Diu<sup>\*\*\*\*</sup>, e as portas abrem  
E ao jugo Português submete o colo:  
O sangue de Badur<sup>24</sup> já tinge os mares.  
(Não é este um troféu digno de Lísia,  
Nem tu, Cunha magnânimo, deveras  
Murchar com vil traição teus verdes louros).  
Desejos de louvor, desejos de honra  
Brotam n'alma do intrépido Botelho;  
À Europa vêm trazer da Fama o brado,  
Qual ela nunca ouviu, nem quando ao Tibre,  
Já visto o Idaspe, as Legiões tornaram  
Do soberbo Trajano<sup>\*\*\*\*\*</sup>; e até nem quando  
Das praias de Abokir<sup>\*\*\*\*\*</sup> em naus possantes  
Bradar veio ao Tamisa a eterna Fama,  
Que o Marte do Oceano, ou raio aceso,  
Nelson\*, no seio das trementes ondas

---

\*\* Referência ao navegador britânico John Davis que, entre 1585 e 1587 tentou, infrutiferamente, achar uma passagem entre o Atlântico e o Pacífico através do norte do continente americano.

\*\*\* Referência ao Golfo da Cambaia, localizado na costa ocidental da Índia.

\*\*\*\* Antiga possessão portuguesa (até 1961), localizada na costa ocidental da Índia.

<sup>24</sup> O sultão Badur, Rei de Cambaia, veio visitar ao mar o governador Nuno da Cunha, que se achava defronte da praça de Diu. O monarca vinha numa pomposa almadia acobertada de sedas e brocados; saltou ao batel em que o esperava o governador, e apenas se sentou, Nuno da Cunha fez sinal a um soldado, que com um montante lhe fendeu a cabeça até aos queixos. Esta acção deslustrou a glória de Nuno da Cunha, e talvez fosse a causa das suas desgraças: veio em ferros para Lisboa, morreu na viagem, e o seu corpo foi lançado ao Oceano.

\*\*\*\*\* Referência à maior extensão do Império Romano, atingida durante o governo do Imperador Trajano (séculos I e II d.C.).

\*\*\*\*\* Isto é, a margem de Alexandria. Referência à Batalha de Abokir, também conhecida como Batalha do Nilo (Agosto de 1798), na qual uma esquadra britânica arrasou uma frota francesa.

\* Referência ao Almirante Horatio Nelson, que perdeu a vida ao comando da esquadra britânica na batalha de Trafalgar (ao sul do Cádiz), contra os franceses e espanhóis (21 de Outubro de 1805), apesar destes últimos terem sido derrotados.

Meteu de Gália ignívomas montanhas,  
 Qual desde o excelso Olimpo outrora Jove\*\*  
 Fulminou, destruiu Titânia estirpe:  
 Esquipa breve Fusta, igual apenas  
 Aos ligeiros Baixéis, que o fulvo Tejo  
 Cortam de um lado a outro, e vem por cima  
 Das do ingente Oceano ondas medonhas  
 As praias demandar do Cafre adusto\*\*\*.  
 Mil vezes foge o Céu envolto em nuvens,  
 Foge o Pólo da vista ao Nauta invicto.  
 Vende o Gigante assustador do Gama,  
 Que da boca e das mãos tufões remessa,  
 Roucos trovões da voz, dos olhos raios.  
 Audaz façanha, que merece apenas  
 O crédito aos mortais! Mas foi propício  
 Ao magnânimo Herói o mar, e o vento,  
 Ou porque o feito insólito admiraram,  
 Ou porque o Lenho humilde, e não guerreiro  
 A sanha lhe enfreou: e em si trazia  
 'Inda mais do qu'um César, mais qu'um Nelson.

Maior prodígio os séculos guardavam,  
 Quando a cobarde Tirania oprime  
 A Pátria dos Heróis, quando pretende  
 Abater, degradar almas sublimes,  
 Honra da espécie humana, e lançar ferros  
 Ao colo Português; então de Lísia  
 O filho ilustre as ondas avassala  
 Em pequeno Baixel. Botelho excede,  
 Que só desde Cambaia aos negros Cafres  
 Passou sem ver de perto as longas costas.  
 Desde que avista os derrubados muros  
 Da abrasada Mombaça\*\*\*\*, a meiga terra,  
 Doce mãe dos mortais, nunca dos olhos  
 Perdeu, 'té que embocando o Tejo ameno  
 Foi no mesmo Batel dar fundo, aonde  
 Em áureos Paços o Monarca estava,  
 Mostrar-lhe a imagem dos entrados muros  
 Da conquistada Diu, onde a vitória

---

\*\* Alusão à vitória do deus grego Zeus (na mitologia romana, Jove, Juve ou Júpiter) e dos deuses olímpicos contra os Titãs.

\*\*\* Referência às populações cafres (isto é, não muçulmanas, que habitam a África do Sul) que têm a pele escura (adusta).

\*\*\*\* Actual Quénia.

Presas sempre existiu nas mãos dos Lusos,  
Sem ver mais do que o Céu, mais do qu' a extensa  
Das turvas águas líquida campina,  
Da Europa além dos Trópicos se lança:  
Do antigo Continente ao novo aporta.

Desde que o vão, misterioso Egipto,  
Primeiro berço das Ciências todas,  
Que 'inda agora escondido entre ruínas  
Com restos colossais insulta o orgulho  
Dos Povos Europeus, em frágeis Lenhos  
A cortar começou do Nilo as águas;  
'Té que os Britanos torreões nadantes  
A derradeira volta ao Mundo deram;  
Entre os Faustos navais prodígio tanto  
A História não marcou: talvez que os evos\*,  
Que 'inda por vir estão, igual não vejam.  
Enquanto a Pátria agradecida ao feito  
Prepara ao grande Navegante os louros:  
Enquanto o bronze e mármore não mostram  
Voltada aos Céus a imagem respirante,  
E no soberbo pedestal não grava  
Os atributos da naval ciência,  
Co' a mente em fogo acesa, e às Musas dada,  
À Pátria, ao Trono, ao Mérito, à Virtude,  
Que a façanha inspirou, que o Herói coroa,  
Este tributo de louvor consagro.

**FIM**

---

\* Eternidade, duração sem fim.

APOS

ASSOCIAÇÃO DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E AMBIENTAL DE OLHÃO  
apos@olhao.web.pt; <http://www.olhao.web.pt>

APOS

ASSOCIAÇÃO DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E AMBIENTAL DE OLHÃO

<http://www.olhao.web.pt>

Olhão, 2009